

FORMAS DO MUNDO DO TRABALHO

Cláudio Vieira Pinto

RESUMO: Este trabalho procura mostrar as diferentes formas do mundo do trabalho construídas pelo ser humano em sua trajetória sobre a face da Terra, e o quanto este foi e é importante para nossa existência e as relações construídas e estabelecidas pelos nossos antepassados em outros períodos até atualidade. Procura apresentar, principalmente, as relações sociais e políticas no capitalismo como sistema de produção e forma de organização social e as lutas estabelecidas pelos homens na busca de um elo perdido denominado liberdade e felicidade.

Palavras-chave: Trabalho. Escravidão. Capitalismo. Globalização. Sociedade

INTRODUÇÃO:

O objeto de estudo apresentado e levantado neste artigo é sobre o Trabalho como elemento condicionador da evolução da espécie humana, na contradição entre liberdade e determinismo da espécie, resultando na criação do mundo da cultura representante da construção humana sobre o planeta e causador do nascimento das civilizações com suas formas de produção e relações sociais. Procura abordar o mundo do trabalho em suas nuances e transformações desde a antiguidade com as primeiras formas de formas até a contemporaneidade.

A análise que norteia essas reflexões aparecem na ótica dialética da história dos modos de produção como elemento fundante das estruturas econômicas e sociais. Procuramos assim apresentar o que alguns autores pesquisaram e escreveram sobre o mundo do trabalho no sistema escravista antigo, medieval e moderno-entendendo o capitalismo –na forma de produção e de organização social considerando o seu metabolismo constante. Enfim refletimos a partir de questões simples e pertinentes acerca das formas de produção que existiram na humanidade anterior à atual: a exploração do trabalho humano e a sua divisão sempre foi a mesma? Qual o(s) nível(s) de influência da produção na organização e estrutura social? A desigualdade é natural ou cultural? Os trabalhadores sempre foram passivos e aceitaram as suas condições de existência ou a luta pela emancipação humana frente ao trabalho é uma busca antiga? De que forma o ser humano pode conseguir um novo sentido para as relações sociais no mundo do trabalho? Emancipação, liberdade e felicidade ainda pertencem à utopia humana?

Enfim é uma análise (e busca) de muitos estudiosos para entender e explicar as relações humanas no mundo do trabalho, principalmente, capitalista e as formas possíveis de superação de suas contradições, conseqüências e controle.

1. Pensando sobre o trabalho: um pouco de história

“Comerás o pão com o suor do teu rosto”, assim diz a bíblia, e não queremos ser ou parecer religiosos ou espiritualistas, mas que a frase é bem sugestiva para a humanidade, isso sim. Ou como diria Albert Camus “Sem trabalho, toda vida apodrece. Mas, sob um trabalho sem alma, a vida sufoca e morre”. Das espécies livres na natureza para criar ou transformar, a humana é aquela que além de poder construir um segundo mundo, o da cultura, e, portanto, nascer duas vezes, é a única que tem o poder de (re)fazer o caminho se preciso for. Essa liberdade só foi e é possível com a existência de características biológicas diferentes dos outros seres dando a capacidade de projetar, sonhar e fazer, e com suas ações poder alcançar o domínio na natureza não aceitando o determinismo imposto por esta, diferentemente das abelhas, tigres, joões-de-barro, etc. O aparecimento do trabalho e a sua importância para a nossa espécie distinguir-se na natureza, aliada à liberdade como tipicidade, foi analisada por vários pensadores, dentre eles Engels quando fala que “um dos primeiros instrumentos importantes na transição do macaco em homem foi a liberação da mão”(ENGELS-2004, p.07) cuja análise estava correta mesmo que fosse para o século XIX, quando as ciências antropologia e arqueologia não eram desenvolvidas como tal e as idéias de Charles Darwin se faziam polêmicas.

O fazer que a todos transformou é o trabalho, tão importante para a espécie na sua liberdade e responsabilidade, que suscitou várias análises, de sociólogos principalmente, e conduziu a criação de conceitos de acordo com épocas e culturas diferentes. Como exemplo, temos a definição de trabalho em alguns países e sociedades como a inglesa(*work* e *labor*), alemão(*werk* e *arbeit*), espanhola(*trabajar* e *obrar*), italiana(*laborare* e *operare*), francesa(*travailler* e *oeuvrer*), romana antiga com o latim, grega(*poiesis*, *labor* e *práxis*) e portuguesa(*labor* e *trabalho*) em que a ação humana de produzir e reproduzir chegou até nós com sensação de castigo, cansaço e exaustão(2)(BRANCA PONCE-2000, pp. 88 e 89) com algumas exceções para *poiesis* e *práxis*.

a) Transformando a natureza: primeiras formas de trabalho

Com seu trabalho o homem pôde construir as primeiras civilizações desde as mais antigas às margens dos rios Nilo, Amarelo, Mesopotâmia, Golfo do México, etc. já estudadas por diversos pesquisadores e ao mesmo tempo tornou possível a efetivação de uma das primeiras formas de produção no mundo do trabalho denominada como Modo de Produção de Asiático (GIANNI SOFRI-1989, p. 07). Essa forma de produção estudada por Marx a partir da sociedade oriental chinesa do século XIX e aplicada como uma das categorias de análises das sociedades antigas foi bem apresentada por Gianni Sofri, quando este descreve a forma de trabalho desenvolvida nas sociedades antigas orientais - assim chamadas pela semelhança deste modo de produção como base do funcionamento social e não pela região - divididas em comunidade aldeãs e comunidades superiores sendo a primeira(aldeã) a produtora dos bens necessários para a sobrevivência e manutenção material e social e a segunda(superior) como a detentora das formas de poder e de controle político e do imaginário da comunidade, destacando-se aqui as conhecidas estruturas dos egípcios,

chineses, mesopotâmicos, pré-colombianos, etc. Claro que esta visão se utiliza da análise dos modos de produção na história, mas aqui não só como instrumentos(elementos) interpretativos, mas como fator de construção material e espiritual humana para destaque e compreensão das relações de trabalho construída por nossos antepassados e que urge necessário a revisão das conseqüências deixadas por essas sociedades uma vez que propiciou a exploração do homem pelo homem mas em realidades diferentes.

As ditas sociedades antigas desaparecem em determinados momentos de suas histórias com causas particulares, que não nos cabe aqui analisar - pois não é nossa intenção colocar numa visão economicista ou positivista(da história) seu nascimento, desenvolvimento, auge, crise, declínio e desaparecimentos e as sociedades e mundo do trabalho que surgiram *a posteriori* - e deixaram experiências e possibilidades às posteriores, como foi com as sociedades grega e romanas onde as relações de produção e o mundo do trabalho tomaram formas totalmente diferentes e novas com características e marcas tão profundas que existiram e desapareceram no período denominado clássico do século VIII a. C. ao V d. C., ou seja, 1300 anos e reapareceram a partir do século XVI em realidades novas e no mundo do trabalho também novo.

b) As desigualdades criadas pelo trabalho e a dicotomização

Nas sociedades grega e romana é que o mundo do trabalho toma formas novas e mais claras nas relações de produção e nas relações do homem para o homem. Formas claras, pois define-se a quem caberia o trabalho e a produção, a obtenção de mão-de-obra, as justificativas da divisão do trabalho e da sociedade e das desigualdades humanas como elemento que, também, regia a produção de riqueza; e novas por ser a escravidão um elemento diferente do que ocorria nas comunidades aldeãs e superiores sendo a base de tudo, enquanto no modo de produção asiático seu uso foi esporádico e aleatório, e por classificar as relações na espécie humana em hierarquias do trabalho.

A sociedade que se estruturou nesse período era dependente, por completo, da mão-de-obra escrava embora existissem artesãos, assalariados, camponeses e os dependentes da forma de Estado predominante- sociedade classicamente conhecida com: eupátridas, metecos e escravo para os gregos, e , patrícios, clientes, plebeus e escravos para os romanos – que constituíam uma camada não composta de cidadãos, pois pertencer a essa categoria era privilégio de uma minoria da população cuja existência estava “acorrentada” aos escravos. Para se ter uma idéia a sociedade ateniense apresentava no século V de 80 a 100 mil escravos para 30 ou 40 mil cidadãos, enquanto a romana tinha uma população, na península itálica, no final da República (43 a. C.) com uma estimativa de que houvessem 4.500.000 pessoas livres para 3.000.000 de habitantes escravos(PERRY ANDERSON-1987, p.38-60). A forma de trabalho existente na antiguidade proporcionou uma visão de mundo e pensamento sobre as relações humanas que classificava os indivíduos por suas funções e posições sociais percebidas na vida virtuosa e cidadã de cada ser humano, como diz, Paul Veyne “(...) Segundo Platão, uma cidade bem-feita seria aquela na qual os cidadãos fossem alimentados pelo trabalho rural de seus escravos e deixassem os ofícios para a gentilha: a vida “virtuosa” de um homem de qualidade, deve ser “ociosa” (...). A perfeição do cidadão não qualifica o homem livre, mas só aquele que é isento das tarefas necessárias das quais se incumbem servos, artesãos e operários não especializados, é que serão cidadãos, se a constituição conceder os cargos públicos à virtude e ao mérito, pois não se pode praticar a virtude levando-se uma vida de operário ou de trabalhador braçal”(5)(PAUL VEYNE-1990, pp. 124-5) . Enfim, aos escravos o labor ou o tripaluin e aos

cidadãos a poiesis e a práxis; e com essa distinção os gregos e os romanos conseguiram não só estruturar uma sociedade dividida em classes como uma nova forma de exploração do trabalho e do homem que proporcionou aos dominantes (eupátridas ou patrícios) a criação de impérios novos que expandiram seu poder militar, econômico e cultural por outros povos onde pudessem alcançá-los. É claro que também nessa sociedade, como nas ditas da antigüidade oriental, aqueles que produziam e eram explorados sentiam-se insatisfeitos de sua condição e procuravam caminhos diferentes para a realidade em que viviam como foi o caso clássico de Espartacus que entre 74-71 a. C. mobilizou mais de 200.000 escravos na luta pela liberdade e contra a escravidão, mas não era ainda a luta contra a sociedade estabelecida e na tentativa de construção de uma nova. Mas serve como exemplo de que a não aceitação, no mundo do trabalho, da exploração do homem pelo homem sempre esteve presente sendo isto algo para uma reflexão atual.

Com o fim das sociedades antigas clássicas num período de transição longo e da fusão de culturas, costumes, política, sociedade e economia diferente nasceu a sociedade feudal, ou modo de produção feudal, que transformou de forma significativa as regiões e pessoas atingidas, ou não, pela escravidão. Dentre essas transformações é sabido que a fusão da religião, estrutura social, organização militar, etc. de romanos e bárbaros representou um momento de nascimento de algo novo na história européia e com essas mudanças estava a substituição do trabalho escravo pelo do servo. Houve um avanço nas relações de produção? Sim! O ser humano, tratado como escravo passa a ter um direito fundamental: o direito à vida, e também a possuir a terra e instrumentos para nela trabalhar, mas... as relações sociais e de produção embora predominassem com algumas diferenças na Europa, ficaram marcadas por fragmentação política, e visão de mundo limitada - o servo conhecia um mundo até 20km² e o senhor feudal até 200km² - considerando os séculos (e as diferenças nessa visão) no nascimento, desenvolvimento, auge, crise e fim do sistema feudal.

Mesmo com as mudanças a estrutura social permaneceu desigual, entre dominantes e dominados, exploradores e explorados, ou seja, os que produziam bens (e riquezas) e aqueles que apropriavam das (os) mesmas (os). Sendo assim, a forma de trabalho, servidão, precisou ser justificada, e reforçada, por um complexo conjunto de idéias concernentes com a estrutura de poder existente e baseadas numa visão e interpretação do mundo emanada pela igreja - com sua concepção filosófica - que justificava o trabalho dentro de parâmetros novos. Era preciso, e foi criado, não propositadamente, um novo sentido, diferente e fortalecedor das relações entre integrantes das classes sociais opostas no período. A dicotomização entre trabalho manual e trabalho intelectual permaneceu, como na Grécia e Roma, e passou a ser visto como um castigo, uma maldição que só deveria acontecer como necessidade de sobrevivência - auto-suficiência das aldeias - pois impedia a meditação e contemplação, estas necessárias para a salvação da alma, além de que, o negotium (negação do ócio) era "privilégio" dos servos que podiam ausentar-se do lazer, visto que o trabalho não deveria caber aos homens de bem. Daí porque, normalmente apresenta-se essa sociedade como sendo: sacerdotes (os que rezavam), guerreiros (os que faziam a guerra) e os servos (os que trabalhavam).

Refletindo sobre os fatos poderíamos dizer que o trabalho libertou o ser humano! O sentido do trabalho no feudalismo como no escravismo é de negatividade, que foi superado pelo capitalismo. É claro que foi um processo longo para ocorrer a transição de um sistema econômico-político (feudalismo) para outro (capitalismo), pois as relações e de produção tiveram que mudar, devido a fatores internos e externos, às aldeias, regiões e de todo o continente europeu.

2. A forma de trabalho capitalista ou Capitalismo: uma nova forma no mundo do trabalho

O aparecimento de um novo modo de produção e de novas relações sociais e de produção foi possível graças a fatores internos e externos na Europa, em níveis diferenciados nas regiões considerando a ampliação das feiras, o fortalecimento das cidades, as guerras religiosas (todas as Cruzadas, inclusive a Reconquista), as revoltas camponesas, as tempestades de areia, a escassez de metal europeu, o surgimento das universidades, a rachadura na estrutura política com a Reforma Protestante, uma nova mentalidade e pesquisas acerca do homem, do universo e de Deus, etc e o poder de comércio e criação de um novo sentido para o trabalho ligado à liberdade. A passagem dos quinhentos, como diria Darcy Ribeiro foi marcante para a humanidade européia e não-européia.

Ocorre uma modificação no sentido e importância do trabalho, este que não era para os nobres e nem para as pessoas de bem passa a ser visto (e valorizado) numa nova ética que foi se construindo gradativamente e paralelo aos novos conceitos sobre o ser humano, expansão comercial, universo e liberdade. O ser humano era livre para desenvolver suas aptidões físicas, intelectuais e artísticas era criador, e não só criatura, e deveria reconstruir-se através do trabalho, lembrando aqui as frases: “Deus ajuda a quem cedo madruga” e “O trabalho enobrece o homem”.

As mudanças nos dois modos de produção (feudal e capitalista) foi lenta, gradual e diferenciada pois as lutas entre os atores sociais envolvidos eram intensas, quer no âmbito das idéias e inovações, como no Renascimento Cultural e Científico ou no campo político-militar com o Iluminismo e as Revoluções que marcaram a Inglaterra e França especificamente. No âmbito das mentalidades e do trabalho a transição também foi lenta apesar da resistência ao novo desde o século XIII por aqueles que detinham o poder (senhores feudais) e pela busca de ser livre por parte dos servos, não importando se vilão, aldeão, fronteiriço, etc. Nas cidades o ar era de liberdade. Nos países, ou nações, era possível uma identidade com a moeda, com o idioma, com a nova religião, novas leis, etc. Nos continentes novos mundos, novas culturas, novas fontes de riqueza.

Será que o ditado popular “Todas as águas levam ao mesmo moinho”, encaixa no sistema do capital que foi se formando no século XVI e estendeu-se até o século XX (e XXI)? Será que todas as formas de trabalho que se desenvolveram na passagem dos quinhentos em diante contribuíram para a estruturação desse novo sistema e de uma das características fundamentais do capitalismo que é seu caráter expansionista? Quais elementos e atores sociais do mundo do trabalho estão envolvidos, interna e externamente, nesse processo?

Nesse mundo o novo trabalho se fez com formas novas ou não. Com diferenças e aperfeiçoamentos à medida que o capital - **novo símbolo de riqueza com o dinheiro** - na condição de uma nova sociedade que funcionou de forma diferente na Europa e fora dela, mas sempre servindo ao novo modo de produção. Vejamos uma das novas (?) formas de trabalho que existiram, primeiramente, fora da Europa:

- Escravidão: foi resgatada e retomada pelos europeus como forma de manter o domínio sobre os povos colonizados e extrair o máximo de riqueza possível dessas regiões. A escravidão enquanto forma de trabalho foi utilizada na Europa desde os gregos e romanos, diminuindo na Idade Média e na Moderna apresentou características novas do século XVI em diante. As regiões privilegiadas para uso dessa mão-de-obra eram América e Ásia, enquanto a África foi fornecedora de material

humano(uma vez que alguns de seus povos já a utilizavam com objetivos diferentes). Seu uso na América serviu para extrair metais dos Impérios conquistados (Central e do Sul) como ouro e prata, produtos agrícolas - nas haciendas, por exemplo, as drogas do sertão e açúcar dos Engenhos, ou ouro e café no Brasil. Em qualquer situação a exploração era intensa, como no Engenho, por exemplo, em que o aspecto humano(solidário) inexistia. O ser humano escravizado era trocado por objetos, colocado em embarcações que ultrapassavam a capacidade e transplantado das regiões, com péssima alimentação, como destacam as historiadoras Inês da Conceição Inácio e Tânia Regina de Luca ao citar que o feijão, ou milho ou os dois misturados para variar, ou então, a savelha, peixe miúdo e muito barato adquirido no Reino de Angola(LUIS MENDES-1993,p.70-73), Luis era a alimentação fundamental dadas a eles, sujeitos a doenças, afogamentos e à humilhação na venda. Ainda eram vistos como instrumentos mudo. O trabalho extasiante, colheita, caldeira, purgar, transportar às embarcações,etc., que lhes dava em torno de 7 a 15 anos de vida.

Para que tudo isso nos séculos XVI, XVII e final do XVIII?

Aumentar a riqueza européia com a venda e expansão dos produtos. Claro está, que por ser um período de corrida em busca de expansão e de novas riquezas foram vários os países que se lançaram nessa empreitada como concorrentes, enquanto portugueses efetivaram aqui sua forma de exploração do trabalho humano, espanhóis o faziam com as Américas Central e do Sul(povos e região) para conseguir ouro e prata; e outros povos também saíram na disputa como os holandeses, ingleses, italianos,etc. Houve nesse período uma ‘mistura’ de formas de trabalho que chama a atenção de alguns pesquisadores que levantaram a hipótese de uso, extensão e predomínio econômico e político do sistema feudal extra-europa, que logo foi descartado devido às características apresentadas e a que ele servia na América. Na verdade o predomínio já era do capitalismo(comercial) e os sistemas implantados aqui serviriam para atender aos propósitos desse novo modo de produção.

A partir do final do século XVII até o século XVIII a intensificação dessa forma de trabalho ocorreu no deslocamento de obtenção de riqueza - Minas Gerais, no Brasil - a outra região. A situação não era diferente, diria até, comprovadamente pior, e as tentativas de mudar ou sair dessa situação aumentou cada vez mais. Assim como na Antigüidade Clássica a(s) luta(s) para sair dessa situação aumentou muito, como foi até o final do século XIX, e mesmo no século XX com outras facetas e armas. Os trabalhadores escravos, aliados a outros explorados, usavam as seguintes formas de sair dessa situação: queimando canaviais, incendiando residências dos ricos da época, cometendo suicídio, revoltas e fugindo para locais onde criaram os quilombos nas várias regiões do país. (RAFAEL SANZIO ANJOS-200, p.32). Lutas difíceis e prolongadas que se estenderam oficialmente, até 1888. Contudo, a situação deles não melhorou.

Essa fala- discurso, idéia, divagação – é sabido e conhecido de muitos . Mas, e na Europa nesse longo período?

Do século XVI ao XVII(final) e XVIII era a época do acúmulo do capital, possível com as riquezas extraídas extra-europa de várias formas e às custas de saques, violências, doenças, mortes, sacrifícios e exploração do homem pelo homem com facetas de escravidão, semi-escravidão e trabalho livre na busca do que fosse possível em transformar-se em ouro e ser revertido em capital. Mas a situação do trabalhador europeu não era diferente mesmo porque estavam na posição de explorados, apenas assumiam funções diversificadas e novas(obrigatoriamente em algumas regiões) que exigia de suas vidas esforço sobre-humano que ficaram marcados pela miséria, doenças, excesso de horas trabalhadas, fome, desnutrição, tristeza... enquanto umas

poucas vidas desfrutavam de condições de vida totalmente opostas. Como isso se desenrolou quando as nações continuavam a corrida, mas agora por ciência, invenções, inventores, máquinas, e maior e melhor produção e melhor uso do dinheiro a ser convertido em capital, e luxo em suas qualidades de vida é o que pretendemos estar retomando e aprofundando.

a) As transformações e crise: conseqüências sociais, econômica, política, humana, etc.

Com o início do capitalismo industrial(ou revolução industrial) muitas transformações foram se efetivando na vida dos europeus destacadamente nas formas de trabalho. As relações sociais, de trabalho, de produção, política e social foram profundamente afetadas, como mostra em alguns de seus escritos, mais precisamente artigos, o historiador inglês Eric Hobsbawm, no século XVII período fundamental para um impulso revolucionário industrial na Europa ocidental. Destacam-se algumas situações de crise que afetaram a vida dos trabalhadores no campo e na cidade em níveis diferenciados de acordo com o desenvolvimento de cada região ou país, como a crise populacional que diminuiu a população de alguns países como Noruega, países Baixos, Suécia, Suíça, Espanha, Itália, Alemanha, França(o leste), Hungria, Polônia e Inglaterra e as suas populações foram vítimas, diferenciadamente, a partir de 1630 de mortalidade vitimada por doenças e fome. Esse foi um dos fatores que sofreu com a crise e a aprofundou aliado a outras circunstâncias como a produção que se desindustrializou em zonas como as da Itália, Alemanha, França(algumas partes) e Polônia. Por outro lado, um desenvolvimento industrial foi possível na Suíça, Inglaterra e Suécia(ERIC HOBSBAW-1975, pp.81-118) com incremento de indústrias extrativas e um aumento do trabalho doméstico rural e da produção urbana local e artesanal em outras pequenas regiões. Com essas mudanças a classe que mais sofria com a chamada crise do século XVII era a dos trabalhadores, ainda neste momento principalmente agrária, mas já com o aparecimento da indústria doméstica, que assim era chamada por ser a produção realizada em casa para um mercado em crescimento, controlado pelo mestre- artesão e seus ajudantes, mas que dependiam da matéria-prima de um empreendedor, espécie de intermediário, entre eles e o consumidor. A sobrecarga caiu na população rural que sofria a dupla pressão dos proprietários de terra e da cidade, e nas cidades puderam barganhar em razão da queda e/ou da estagnação populacional, conquistando maiores salários na Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha e criando organizações trabalhistas em boa parte da Europa ocidental. Óbvio que viver no campo não era incentivo e nem saída para os trabalhadores rurais que eram forçados ao trabalho de cinco a seis dias por semana, com a vida arrochada com investimentos maiores, em terras de proprietários da classe média provinciana, do estado e senhores. Que incentivo teriam eles para uso eficiente da terra? Que motivo teriam eles para buscarem o desenvolvimento científico-industrial? Que liberdade tinham eles para produção intelectual e material? Que tempo teriam eles para realmente desenvolver a práxis? Muitos viviam como servos e pagavam impostos feudais, lembrando que em algumas regiões ou países europeus isso estendeu-se até o século XX e viviam debilitados pelas guerras do século XVII e pela opressão dos estados absolutistas e semi-feudais ainda existentes. Para enfrentar essa situação apresentada os trabalhadores usaram de várias formas, inclusive de revoltas sociais principalmente no século XVII como foi o caso dos Froudas na França, a revolta na Catalunha, Nápoles e Portugal com o fim do chamado reino ibérico(não foi por esse motivo que o reino espanhol acabou, é claro), em 1640, a guerra camponesa na Suíça de 1653, o movimento do “papel selado”

e “camisards” em Bordéus e Bretanha no ano de 1675 e terminando o nosso exemplo, as revoltas servil e “ kurucz ” na Ucrânia de 1648-1654 e Hungria, respectivamente(E. HOBSBAWM-1975, pp.81-118). Como nos outros continentes as resistências ocorriam de várias formas e se mostravam presentes.

Com a revolução industrial ocorrendo na Inglaterra, que apresentou as melhores condições para isso, e não nos cabe retomar agora, a vida dos trabalhadores sofreu mudanças e perdas significativas, além daquelas que vinham se processando desde o século XVI , passando pelo XVII. Da mesma forma que o que esse desenvolvimento científico-industrial continuou acelerado e mudando a vida das pessoas e as formas de trabalho- séculos XVIII e XIX – as formas de adaptação e resistências entre os trabalhadores das cidades, principalmente, eram as mais variadas e não sem motivos. Por que diante de uma revolução que mudaria a cara da humanidade e do planeta em pouco tempo a maior parte das pessoas estariam se voltando contra suas conseqüências? Convém vermos um pouco de perto quais eram as condições que essas pessoas enfrentavam.

Drama. É a melhor palavra que identifica(e descreve) as mudanças nas vidas dos trabalhadores com a Revolução Industrial. O que já vinha se processando de forma negativa um século antes aumentou nos seguintes, XVIII e XIX, e não foi diferente no XX e XXI por estarem inseridos nas conseqüências diretas do desenvolvimento capitalista: lucro, exploração, expansão, desenvolvimento científico, etc. De fato mudanças na facetas dos trabalhadores ocorreram e atingiram suas particularidades, mesmo com as lutas que cresceram em organizações e conquistas dos séculos XIX e XX(na metade deste) mas que perderam seus objetivos e direitos trabalhistas a partir de 1970, em razão de crises ideológica, política, de desenvolvimento científico e expansão financeira e do capital. Liberdade. Ah! A liberdade, era algo que os operários não conheciam mesmo com a abolição da servidão em regiões consideradas atrasadas, comparadas com a Inglaterra, como a Rússia, Silésia e Boêmia, em que perduraram os contratos, mas em toda a Europa não era diferente. Essa falta de liberdade - e aqui não é só no sentido ético de Hannah Arendt – afetava a vida dentro e fora das fábricas uma vez que a mesma era controlada pelos patrões e poder público que exigiam e não permitiam, em hipótese alguma, organização em sindicatos, nem emigração ou quaisquer mudanças, e isso se estendia a disciplina nas fábricas pois era exigido pontualidade, descanso ocasional e ameaça de desemprego.

Por vários motivos, além dos descritos acima, a saúde dos trabalhadores era péssima: oleiros, pintores e cortadores de arames sofriam envenenamento por chumbo; mineiros sofriam de tuberculose, cegueira e problemas na espinha; afiadores sofriam de asma; fiandeiros sofriam de bronquite; fabricantes de fósforos sofriam envenenamento por fósforo. Esses levantamentos foram bem trabalhados mediante pesquisa por W.O. Henderson, o mesmo que cita o tempo de vida de alguns operários em Sheffield no ano de 1865:

os amoladores de tesouras viviam em torno de 32 anos;

os afiadores de utensílios de lâminas e tesouras de tosquiar viviam em torno de 33 anos;

os afiadores de faca de mesa viviam em torno de 35 anos;

dos 290 amoladores de navalhas de barba, 21 chegavam a 50 anos de idade

(HENDERSON, W.O.- 1969, p.124)

Na primeira fase da Revolução Industrial a exploração da mão-de-obra de mulheres e crianças foi intensa e sem piedade, afinal o capital era e é implacável e uma nova sociedade se estruturava com ele. Veja que no ano de 1777, em Lion, num total de

9657 trabalhadores, 3823 eram crianças; e com as mulheres não era diferente, pois em 1844, em Lancashire, nas 412 fábricas, 52% dos trabalhadores eram mulheres. E quando os patrões consideravam necessários e urgentes usavam aprendizes devido o salário deste ser bem menor. Ao parar para analisar o salário então... aí a angústia era e é maior. Ficava muito mais difícil sobreviver devido aos ganhos, gastos e multas que envolviam e empobreciam a vida dos trabalhadores nos séculos XVIII e XIX, uma vez que os patrões tinham a disciplina para garantir a produção, aliada ao baixo salário e às multas, o eu prendia os operários às condições presentes nesta fase. Veja que a média diária de trabalho dos operários era de 14 horas, com pequenas variações de acordo com os locais em que realizavam suas funções, e o exemplo que melhor pode ilustrar o que falamos é o citado por Leo Huberman, complementando o exemplo das mulheres das minas de ouro de Troitzk (na Sibéria) que ganhavam dois xelins por dia na passagem do século XIX para o XX, em comparação com as fábricas espalhadas pela Inglaterra onde se explorava ao máximo os operários, pressionando-os e cobrando-lhes multas exorbitantes:

- por deixar a janela aberta	... 1s.	0 d.
- por estar sujo	...1	0
- por se lavar no trabalho	...1	0
- por consertar o tambor com gás aceso	...2	0
- por deixar o gás aceso além do tempo	...2	0
- por assobiar	...2	0

(LEO HUBERMANN-1986, p.178)

Também estavam cercados pela incerteza de emprego, com empregos casuais e temporários e até os subempregos. E não paravam por aí as inúmeras dificuldades, pois na maior parte das fábricas inglesas do final do século XIX os operários iam para as fábricas às 5 ou 6 horas da manhã e trabalhavam até às 9 horas da noite e voltavam para casa somente em condições de dormir numa boa e confortável cama, mas também isso lhes faltavam devido às condições das residências que não menos piores, com casa insalubres, escuras, superlotadas, ruas sem pavimentação, vala de esgoto (quando haviam) a céu aberto, carência de água potável, falta de nitreiras e viviam em casas de águas furtadas. Essa situação toda era vivenciada por operários – homens, mulheres ou crianças – nas fábricas espalhadas pelos bairros ingleses “passando por Manchester (Little Ireland), Londres (St. Giles) e de outras partes da Europa, como em Berlim (Voigtland), em Lion (Saint-Georges e Crox-Rousse)” (HENDERSON, W.O-1969, p.129), etc. E tudo se agravou mais de 1850 a 1870 com a crise desse período que não entraremos em questão por não nos interessar diretamente as idéias aqui desenvolvidas.

Além dessa exploração feroz e das péssimas condições outra forma de repressão também caía-lhes nas cabeças, que era a interpretação e ação da Igreja sobre as desigualdades sociais e de riqueza, e os ensinamentos e preparo que as escolas para operários ou seus filhos que tinham como função correlacionar o ensino com as novas formas de trabalho, homem e máquina, assumindo assim a tarefa de aprimorar a “livre força de trabalho humana”, adequando-os às novas funções das fábricas e nos serviços modernos, tratando-os como mercadoria. As informações que eram transmitidas eram das ciências básicas e mecânicas e defendendo o individualismo civil, enfim, eram tratados como mercadoria. Apesar de ser essa escola que existia os pais, principalmente as mães, não tinham opção por terem de deixar seus filhos em casa ou nas escolas, para irem trabalhar, tendo como consequência crianças muitas vezes abandonadas e

malcuidadas – as que ficavam órfãos de pais vítimas das condições da época – sem preparo de alimentos, saúde, assistência e, até, sem remendo de roupa. Na realidade a instituição familiar se desintegrava e determinadas funções passaram a cargo das escolas, cuja frequência de parte das crianças tinha início muito cedo, como por exemplo, na França e Inglaterra. Na França do século XVIII imbuído do Iluminismo existiam as *Écoles à Tricoter* que pretendia afastar o ensinamento jesuítico e aristocrático a mesma situação foi no século XIX com os socialistas utópicos das escolas com programas Babuvista, os falanstérios e o sanimonismo que pretendiam criar uma nova ética para o homem trabalhador. Já na Inglaterra e mesmo Alemanha e depois em boa parte da Europa após 1845-50 os olhares sobre as escolas burguesas oferecidas aos trabalhadores e seus filhos passaram por olhares mais críticos, como o próprio professor Paolo Nosella lembra uma citação de Engels: “ Os mestres artesãos são péssimos, alguns saídos da prisão e não encontrando outro meio de vida virou mestre-escola(...) Crianças que freqüentavam escolas dominicais por anos não sabiam uma letra, mesmo nas escolas religiosas onde o nível era baixo” (PAOLO NOSELLA-2003, p.17). O mesmo professor lembra também outra análise, mas de Marx: “ crianças ficavam fechadas por 3 horas por dia em 4 paredes. Certificados eram assinados com uma cruz, pois muitos professores não sabiam ler e escrever. Salas de 15 pés por 10 com 75 crianças. Onde há um mestre competente, ele fracassa diante do barulho de crianças de toda idade, de 3 anos para cima. Remuneração era péssima que dependia do número de alunos por sala. Crianças não faziam nada mas constavam como educadas. Regra: “antes do emprego crianças devem freqüentar escolas por 30 dias e não menos que 150 horas em 6 meses e antes do 1º dia de emprego ” (PAOLO NOSELLA-2003, p.18). Enfim era essa a situação que os trabalhadores tinham de enfrentar, também fora das fábricas.

b) Resistir: o exemplo vem de longe

Com essas condições o que lhes restava? Tinham algo a perder além dos próprios grilhões? Não!! Por isso muitos partiram para resistência da maneira que lhes apresentassem possíveis e corretas. Dentre as várias manifestações contrárias ao sistema capitalista e as suas conseqüências aos menos afortunados houve os luditas no século XVIII, os cartistas, etc. mas queremos aqui conhecer de perto o movimento dos chamados sapateiros politizados ou intelectuais operários, como definiu Eric. J. Hobsbawm, que representam formas de oposição (resistência) ao sistema devido ao papel que tiveram e a maneira como puderam(tentaram) enfrentar a expansão das máquinas, a apropriação da liberdade pelo capital e a rígida divisão social que se acentuava.

Quem eram eles, afinal? Vistos pelos historiadores sociais militantes de protestos sociais, ligados a movimentos políticos de esquerda adquiriram uma reputação de ideólogos do povo por suas presença, contato e relações com outros, também, afetados pela revolução industrial. Desde muito cedo se organizaram, na Europa, em escala nacional como, por exemplo, na França, Suíça e Inglaterra a partir de 1792. Estiveram sempre envolvidos nos principais movimentos de oposição ao sistema capitalista industrial ou na luta por direitos trabalhistas como, por exemplo, no cartismo em que representavam mais de 10% dos militantes de ocupação conhecida, na Tomada da Bastilha tinham 28 sapateiros, nas revoltas de Campo de Marte de 1792, na Revolução Março na Alemanha, na Comuna de Paris. E não era por acaso que eles tinham esse envolvimento pois suas presenças no movimento comunista alemão era grande. De acordo com historiadores como o próprio Eric J. Hobsbawm e Joan W. Scott

ser um sapateiro poderia ter muitos significados como intelectuais-operários e, até, ideólogos que relacionava-os a jornalista, verzejador, conferencista, escritor e editor, até mesmo relacionados à religião ou atividades literárias como foi o caso de Jakob Boheme, George Fox, Thomas Halcroft, Frederic Sander, Jean Grave entre outros. Algumas características ligadas a esses profissionais os tornava livres: 1º) carregavam instrumentos em suas caixas de ferramentas, livros e jornais; 2º) o local de trabalho era silencioso (e dava para ler jornal, conversar e discutir) criando um ambiente para a literatura e filosofia, e conversando com homens, mulheres e crianças e, até, emprestando livros; 3º) formavam aprendizes, mas exigia dos mesmos que soubessem ler; 4º) era possível, por questões geográficas e deslocamento, que falassem mais de um idioma e, 5º) como andavam pelas aldeias distantes das cidades, pelos mercados, feiras e festividades levavam e traziam notícias. Com o tempo devido à pressão dos números e a proliferação da manufatura subcontrolada eles sofreram com a expansão industrial e para o emprego público. Além disso, também a transformação da fabricação de calçados artesanal para industrial, colocando homens e mulheres numa subespécie de operariado e separando-os dos vendedores que não tinham mas nada a ver com a produção. As suas participações em partidos radicais sempre foi grande, principalmente nos Partidos Comunistas e Socialistas. Não vamos aprofundar aqui sobre esses profissionais pois estaríamos justificando, ou repetindo, o que esses dois historiadores já o fizeram, mas queremos destacar que eles foram elementos importantes nas lutas pela justiça social e igualdade, mesmo antes do advento maior do capitalismo industrial e sua expansão no séculos XIX e XX pois seus envolvimento e presenças junto ao povo simples e explorados era muito forte.

Os sapateiros politizados não eram os únicos e apesar das tentativas e buscas pela diminuição das injustiças e expansão pela igualdade isso não ocorria em todos os agrupamentos, sindicatos e partidos de operários, pois as mulheres de muitos desses trabalhadores tiveram de procurar, e encontraram, outros meios de liberdade e manifestação de suas expressões de luta pela justiça e igualdade.

Além dos sapateiros, as mulheres participavam de outras formas, fundando seus próprios organismos de ação pois muitas foram excluídas de ações junto aos homens. A mulher trabalhava por salário antes do casamento, e ao casar-se pertencia ao proletariado como esposa, mãe, dona-de-casa de trabalhadores, já nos sindicatos e nas greves (reuniões e organizações) as mulheres eram excluídas ou tinham suas atuações reduzidas; e seus espaços sofreram desprezo e boicotes da parte dos homens, como nas indústrias onde eram vistas com repulsa, indignação por operários do sexo masculino, em razão de seus salários que eram baixos tornando-se assim concorrentes dos mesmos. Se conseguiam entrar nas indústrias eram desprezadas nos sindicatos e suas ações como metas a serem conquistadas, mas apesar dessa falta de espaço acabou por serem impulsionadas a lutar por emancipação, mesmo tendo que ficar à margem dos movimentos operários de maior ênfase acabaram criando seus centros de participação ou engrossando os núcleos religiosos operários que surgiam, como exemplo, vejamos alguns nomes: “Joana Southcott fundadora e seguidora da religião dos seguidores da Saint Simon; a Ciência Cristã e da Teosofia; Annie Besant sacerdotisa da teosofia e inspiradora do movimento de libertação nacional indiano, etc. Por fim a imagem da mulher ficou como inspiração e símbolo de um mundo melhor”. (ERIC HOBSBAWM-2000, p.35-74)

Também os operários organizavam-se, nos momentos de lazer com o futebol que era esporte para proletários e à medida que ganhou o apoio das massas, tornou-se mais ainda proletário, tanto para jogadores como para torcedores, sendo no início uma atividade dos trabalhadores mais especializados e respeitáveis. Tornou-se

parte do universo de todos os operários à medida em que torcer para um time unia todos os que viviam numa cidade ou bairro operário, e era também o tópico principal das conversas no bar. Somente a partir de 1880 é que as mudanças contra o futebol, enquanto arma de união e língua dos operários, tornou-se mais latente com a emancipação do patrocínio, a profissionalização em 1885 e a formação da Liga Nacional em 1888 com base no modelo de beisebol dos EUA e mais ainda em 1913 com a proibição de mulheres pelo rei.

3. Expansão do capitalismo e a organização operária consciente

Mas e no que se refere a formas de produção propriamente dita, o que mudou na vida dos operários? A que condições eles ficaram submetidos uma vez que eles passaram a ser vistos como mercadorias? Na produção eles ficaram alienados na e da produção, processo esse que se intensificou com o fordismo/taylorismo.

No nível internacional enquanto o capitalismo se expandia na versão imperialismo e a Europa realizava uma nova corrida, diferente da passagem dos quinhentos, para estender seu domínio sobre a África e Ásia e competir com os EUA no continente americano, o capitalismo criou condições políticas e econômicas para avançar e manter uma de suas características irrefreável: a expansão. Essa expansão levou a um acúmulo capitalista e concorrência entre Alemanha, EUA e Inglaterra e seus aliados que resultou na IGM, e na década de 1920 e 1930, no fortalecimento político de ideologias e governos totalitários, como os fascista e nazista como redutores ou controladores do capital, devido ao crescimento e expansão de movimentos de resistência operária e partidária do socialismo e as opções de vida que este apresentava.

No mesmo período - século XIX e XX – o Brasil iniciava tardiamente sua industrialização- sem discutir aqui se pela via prussiana ou não – com formas de exploração do trabalho que não dá para classificarmos de ‘novas’. Por quê? O trabalhador brasileiro - entenda-se das regiões em que a industrialização se acelerava – vivia como os operários da Revolução Industrial do século XVIII e, parte, do XIX o que não significa que os operários europeus(e de outros países)vivessem em condições já bem melhores, mas suas lutas eram melhor estruturadas em partidos e sindicatos como POSDR, na Rússia, nascido na década de 1890, enquanto no Brasil nascia e se organizava o Círculo Socialista, em 1889, fundado por Silvério Santos que procurou, além do mutualismo, também educar com base no socialismo e, até, no marxismo. Mas não deixava de ser uma forma de organização frente a nova forma de trabalho que se iniciava e intensificava, no Sudeste, principalmente. A vida do operário não era fácil. Entre 1906 e 1920 a carga horária diária de trabalho era de dez horas por dia com pequenas variações para o tipo de patrão e de determinadas funções que realizavam, como por exemplo “ no setor têxtil, na fábrica do Ipiranguinha em que os operários começavam às 5,30 da manhã até às 6,30 da tarde, ganhando um salário de 10 a 30 mil-réis mensais”(JOSÉ JOBSON ARRUDA-1982, p.154). A situação não parava aí já que os operários não tinham direito a férias, aposentadoria, repouso remunerado semanal e o patrão poderia aumentar ou baixar o salário quando lhe conviesse. Se pararmos para pensar nas condições das mulheres e crianças então não eram menos infelizes, pois estavam fadadas às mesmas dificuldades que os homens além de passarem por constantes vexames, situação de espancamento vivida pelas crianças com o fim de discipliná-las. Suas vidas, por serem da camada proletária, apresentavam diferenças gritantes comparadas com outros do mesmo sexo, mas das camadas ricas tanto que o salário ganho num mês por um filho de operário equivalia ao gasto feito pelo filho de um patrão em duas horas. Enquanto o capitalismo industrial deitava raízes aqui e

realizava mudanças abrangendo o máximo de trabalhadores e deixando em suas pegadas os subempregados que tentavam viver do pequeno artesanato, da criação de animais, da agricultura doméstica e nas ruas vendendo seus produtos como cesteiros, amoladores de facas, verdureiros, peixeiros, vendedores de frutas e de galinhas. Não vamos apresentar ou aprofundar como foi a expansão do trabalho nas camadas médias urbanas, mas comentar que, algumas mulheres chegaram a ocupar ocupando cargos nos setores de telefonia, balconistas, etc.

Como os operários do mundo industrializado, ou em vias de, os brasileiros também procuraram criar formas de enfrentar a situação nova que se formava sabendo que duas eram fundamentais: organização e estudo. Não demorou muito para crescerem as formas de organização e as primeiras lutas consistentes, além das de 1833(dos Oficiais e Empregados da Marinha), de 1838(da Sociedade de Auxílio Mútuo dos Empregados da Alfândega) que ocupam lugar na história do trabalhador brasileiro. Outras formas de organização e luta foram ocorrendo paralelas às formas de poder existentes: o I Congresso Operário do Rio Grande do Sul, de 1898; o II Congresso Socialista de nível nacional, de 1902; o I Congresso Operário Brasileiro, de 1906; dentre outros com características regionais. Sabiam os operários que era necessário ampliar as formas de lutas e resistência diante da opressão que lhes ocorria por isso se realizavam encontros e articulavam-se para criação de seus órgãos que divulgassem as idéias que eram discutidas, decididas ou que deveriam ser levadas aos operários, embora, na sua maioria, nem acesso à escola tinham, e quando este ocorria eram nas mínimas condições e nas séries iniciais. Dentre os vários mecanismos criados pelos partidos e sindicatos estavam os jornais como *O Echo Popular*, *O Socialista*, *Avanti!*, *O Combate*, *A Voz do Povo*, *A Razão*, *O Amigo do Povo*, *La Battaglia*, *A Plebe*, *O Livre Pensador*, *A Lanterna*, entre outros. Mas não paravam por aí e à medida que o envolvimento e participação aumentavam as atividades se estenderam para peças de teatro e livros. Vale destacar que essas publicações apresentavam vertentes do anarquismo, socialismo e comunismo, e no contexto da época pregavam o antimilitarismo, a questão feminina, o amor livre e o anticlericalismo, etc; e procuravam garantir aos trabalhadores as festas, as palestras, as conferências, e até, formação de blocos carnavalescos(JOBSON ARRUDA-1981, P.214). Enfim, as lutas por melhores condições foram muitas e é sempre razoável lembrar que pessoas tiveram de sofrer para que pudéssemos ter as mínimas condições e direitos atuais. Devemos lembrar sempre sim e não nos resignar com o que o capitalismo mostra, propõe e quer. Mais uma vez: os exemplos estão na história.

Somente nas décadas de 1930 e 1940 suas condições de vida e trabalho passaram a ter melhoras mediante a efetivação e oficialização das exigências após lutas, embora com cooptações e controle partidário e sindical pelos governos dos períodos citados em diante. Mas de 1970 em diante a situação se tornou um pouco mais complicada... Mas para quem??

4. Globalização, toyotismo e a tentativa de controle do capital: conseqüências atuais

Com as transformações que se processaram no mundo capitalista central, ou periférico, após a Segunda Guerra Mundial(1939-1945) ocorreu um crescimento e expansão do capitalismo, principalmente dos EUA, ocasionou um desenvolvimento que entrou em crise na década de 1970 por motivos militares, políticos, sociais e tecnológicos fez nesse sistema um fenômeno chamado de Globalização.

Muito falada e defendida hoje mediante chavões e regras, a globalização é uma fase particular do desenvolvimento do sistema do capital, também chamada de mundialização do capital, que como as fases anteriores apresenta suas particularidades como a grande indústria, articulação tríplice de crise (cíclica, orgânica e estrutural) e fenômenos de um capitalismo tardio. Enquanto fenômeno, essa fase desenvolveu-se de forma gradativa com predomínio do capital financeiro (especulativo e parasitário) à medida que conseguia estabelecer as mudanças necessárias nas formas de produção, de exploração de mão-de-obra e de controle das relações trabalhistas, refletidas na política neoliberal, na reestruturação do capital e na chamada cultura pós-moderna. Os principais afetados na globalização nos países capitalistas foram o Estado de Bem-Estar Social, a classe operária e os direitos trabalhistas. Esta classe que vem sofrendo e ainda sofre enormes ataques, que não se sabe até quando, pois ela foi e é desigual e longa. Assentada, no aspecto industrial, num primeiro momento, e no toyotismo que flexibiliza o presente vivido em vários outros setores, expandiu-se atingindo o comércio, as iniciativas gerenciais, mudando a cara das gestões e, é claro, na ideologia representada nas instituições escolares com seus currículos novos, por exemplo, e criando um imaginário de modernidade com os Programas de Qualidade Total, Terceirização e necessidade de Flexibilização. Esquecia-se ao mesmo tempo da Qualidade Social.

Embora seja discutível para alguns pensadores esse fenômeno nasceu no chamado período da Guerra Fria, quando da existência de duas potências militares, políticas e econômicas representadas pelos EUA (e seus aliados) e a URSS (e seus aliados) que começaram a concorrer, após a Segunda Guerra Mundial, em desigualdade e foram afetados com a crise do Oriente Médio e outros acontecimentos em regiões e países da Ásia, África e América, como as greves longas, os movimentos estudantis, revoluções, etc., além da reestruturação que passava o fordismo e avanços ocorridos na microeletrônica, em países cuja economia estavam centradas num poder máximo do Estado que começavam a se reestruturar para tentar solucionar seus problemas. Isso não foi diferente nas economias do tipo soviético que tentaram empreender um controle novo e diferente no capital mas não conseguiram se sustentar, mesmo com a proposta revolucionária de seus primeiros anos e as crises capitalistas européias advindas da Segunda Guerra Mundial, pois o caráter inalterável de incontabilidade e expansão do capital se mantinha firme. Desses países afetados aquele que conseguiu vencer a disputa hegemônica foi os EUA que aproveitaram essas mudanças no capital e estenderam seus tentáculos sobre as regiões e países já dominados desde a virada do século XIX para o XX no período do Imperialismo.

Mesmo nos EUA as exigências passaram a ser outras quanto ao papel do Estado na gerência e interferência na economia uma vez que tornava-se urgente realizar as mudanças políticas nos países influenciados e apoiados pelos EUA na luta contra os movimentos revolucionários - América Latina após 1970 foi um exemplo - ou naqueles com políticas de não-alinhados, que resultou nas políticas neoliberais como fez os governos ingleses e norte-americanos de 1980 (final) em diante.

E para os trabalhadores o que significou esse novo fenômeno e tentativa de controle, e acomodação, do capital? Vamos ver essas condições em regiões fora dos EUA para depois compararmos melhor. Na América Latina, como um todo essa busca pelo controle do capital "Pressupõe mudanças nas formas de trabalho inclusive com uma precarização das condições diárias na produção e, conseqüentemente, na vida dessa classe. Enquanto houve um crescimento após a chamada década perdida com uma porcentagem de 3% a 4% , a questão do desemprego não se resolveu e na realidade aumentou, ficando restrito um leve crescimento em setores não produtivos. Autores procuravam explicar o aumento dos problemas oriundos das transformações e do

desemprego, como Franz Hilkelamm e Carlos Vilas , que afirmam não existirá tantos explorados, pois o desemprego aumentará; ou que não mais existe o exército industrial de reserva em razão da exclusão e dos excedentes os desempregados não são reservas de nada”.(MARTA HARNECKER-2001, p. 286-287)

Precarização do trabalho! É o que se destinou aos trabalhadores das décadas de 1980, 1990 e 2000 com uma diminuição do trabalho típico considerado tradicional, com tempo integral, num único lugar, com único patrão, com proteção trabalhista e negociação coletiva que vem diminuindo gradativamente, pois as ações dos sindicatos vêm transmutando. Em contrapartida, passa a predominar o trabalho atípico, ou precário, com características temporária, parcial, por período, de subcontratação, novas formas de trabalho domiciliar e informalidade. Em razão dessa situação as conseqüências diretas são o aumento da riqueza e da pobreza, uma vez que o número de pobres vem aumentando numa proporção estarrecedora tanto que em menos de quarenta anos, considerando nosso ano de 2004, o número de trabalhadores na base da pirâmide socioeconômica quase triplicou comparados com o número de ricos que diminui: numa porcentagem de 30 pobres de para cada rico na década 1960 , o que em 2004 aumentou para 74 pobres para cada rico, segundo a ONU-2004. O mesmo organismo estima que o ano de 2015, a previsão é que existam 100 pobres para cada rico no mundo. Essa é uma previsão muito triste para a espécie humana, já que o trabalho está matando pelo exagero e desespero pela produção, em detrimento do benefício coletivo da enorme riqueza produzida. Dentro do capitalismo é impossível a justiça. Mas as pesquisas e estimativas desoladoras continuam a apontar que as conseqüências do desenvolvimento desenfreado, predatório e desumano tendem a aumentar os sacrifícios, até órgãos internacionais acusam que as mortes devido aos excessos de trabalho e da queda na qualidade de vida precisam diminuir, bem como o conceito de trabalho, embora a maioria da população não tenham acesso a muitos dados ou nem saibam de suas existências.

As condições de trabalho e qualidade de vida nessa forma globalizada do trabalho tem seus números elevados, tanto que a OIT(Organização Internacional do Trabalho) apresenta que anualmente, no mundo inteiro, 270 milhões de assalariados são vítimas de trabalho e 160 milhões contraem doenças profissionais e , se contarmos os que morrem de tanto trabalhar o número chega a mais de 5 mil trabalhadores por dia(IGNÁCIO RAMONET-2004, nº 41). Olhando alguns exemplos, fora América, entre a União Européia a situação não é diferente e as mesmas condições são apresentadas, pois esse continente apresenta 780 mortes por ano, com 3.700 vítimas por dia. E nos direitos conquistados então a situação também é penosa, como nas aposentadorias que vem sofrendo ataques desde a década de 1970 nos mais variados setores, inclusive daqueles que passaram a representar despesas para os órgãos oficiais no olhar da reestruturação. Ninguém é poupado. Melhor: nenhum trabalhador é poupado uma vez que de 1970 a 2003 a riqueza continuou se concentrando nas mãos de poucos, tanto que o ganho de um empresário comparado com de um trabalhador deu um salto de quarenta vezes para mil vezes mais num período de 30 anos. Mas se formos olhar para outros tipos de trabalhadores em nível mundial europeu veremos que as condições e perspectivas não são melhores, como é o caso dos jovens e mulheres, que trabalham mais hoje que antes, “ e de 1993 a 2003 dos 2,8 bilhões trabalhadores espalhados no mundo as mulheres representam 40% em torno de 1,1 bilhões, representando um aumento de 200 milhões no emprego. Mas as condições de trabalho, salário, empregabilidade - que é maior que os homens - e tratamento continuam em desigualdade, não muito diferente dos homens. As mulheres representam hoje 60% dos 500 milhões de trabalhadores pobres do mundo”.(IGNÁCIO RAMONET-2004, nº 41).

Entre a camada dos jovens as condições não são melhores, uma vez que predomina a incerteza econômica e social, e o acesso ao trabalho protegido está cada vez mais distante, o que leva esse grupo a ficar longas horas no trabalho informal, ou então, como muitos trabalhadores do Terceiro Mundo que saírem de seus países para tentar ilusoriamente ‘ganhos fáceis’ no Velho Continente a procura de trabalho. Lá enfrentam a xenofobia popular e o represamento de fronteiras por estarem concorrendo, e barateando, com a mão-de-obra desses países e por fim acabam engrossando o número de desempregados sem segurança sofrendo ataques dos governos no que tange à seguridade social e previdência social pública, aumentando o número de “cuspidos da sociedade”. Fechando o ano de 2004 o jornal francês *Lê Monde* apresentou as seguintes condições de trabalho, num período de dez anos, desde 1994: “ extensas horas de trabalho, as semanas de trabalho são menos extensas com uma diminuição de 29% para 20% do número que ainda cumpre acima de 35 horas semanais com algumas exceções para os administrativos; o trabalho noturno também tem aumentado em todas as categorias numa de duplicação em dez anos; pressão do tempo na realização de trabalhos de última hora também tem aumentado muito principalmente sobre os executivos que dependem das tarefas de outras pessoas; as funções de contato com o público desenvolveu-se numa proporção de 7 para 10 assalariados, e também os riscos de agressão física ; o trabalho em frente ao computador duplicou em dez anos; a exposição das mulheres aos regimes de trabalho pesados aumentou e a exposição aos agentes biológicos e aos produtos químicos aumentou também”.(JEAN-YVES DE NEUFVILLE-2004- p. 02).

E na maior potência mundial? As condições de trabalho e de vida apresentam que características? Nos EUA as mudanças que vinham sendo tímidas(graduais) se aceleraram a partir de 1990 com os governos de Georg Bush e Bill Clinton, principalmente. Se era reestruturação então as mudanças deveriam atingir alguns níveis sociais, e foi o que de fato ocorreu nas condições de vida e oportunidades de trabalho das camadas menos favorecidas(classes perigosas). O professor e pesquisador Lóic Wacquant aponta e descreve bem isso ao citar algumas dessas mudanças, que foram gradativas e, após 1997, intensificadas com a Lei de Responsabilidade Individual e Trabalho que entre outras coisas estabelece que os latinos e descendentes de afroamericanos e todos aqueles que representam ônus para o Estado tenham suas vidas pessoal e trabalhista controladas pelo governo através de departamentos que realizam o controle de benefícios sociais, do antigo Estado de Bem-Estar Social (como o Aid to Families with dependent Children-AFDC-, Supplemental Security Income, etc.). Segundo o professor Wacquant criaram-se formas de cortar benefícios e culpar os pobres pelas condições em que eles vivem, apoiando-se na estrutura jurídica e penitenciária do país e na concessão de empréstimos a condados, municípios e estados que melhor conduzissem(e conduzam) a aplicação dos artigos dessa lei e, é claro, estabelecendo um controle mais efetivo da vida das camadas sociais que representam encargos para o governo dos Estados Unidos da América. Como a oportunidade e exigências de trabalho e emprego também estão difíceis neste país e, em contrapartida o desemprego aumenta a busca para sobrevivência dos atingidos tomam várias formas e uma delas é o pequeno delito, inclusive, o tráfico de drogas, além é claro das tentativas frustradas de trabalho informal, carreira militar, etc. Como a lei deve valer, controla-se então o número de pessoas por família tentando-se evitar a gravidez indesejada nas meninas, o que provocaria gastos maiores com os fundos de assistência à infância(Aid to Families with dependent Children-AFDC) , tentando-se assim pressionar os pais para estarem atentos, principalmente, aqueles que estiverem recebendo um salário-desemprego e suplemento financeiro do Supplemental Security

Income com ameaça de perderem esse subsídio. E não pára por aí pois aqueles que forem pegos por pequenos delitos- entenda-se que não é analisado as condições e motivos que causaram o pequeno delito – e presos passam a representar mais gastos para o Estado pois seus familiares não podem ficar desamparados e eles representam gastos nas prisões, ou seja, a lei deve manter assistência social mas com a condição, de acordo com medidas da Lei de Responsabilidade Individual e Trabalho, de que todos os gastos feitos com os prisioneiros sejam somados e apresentados aos mesmos ao final do cumprimento da pena não importando se de seis meses ou mais. Além disso, o indivíduo ao sair da condição de ex-prisioneiro(ou ex-peninteciário) tem seu papel social modificado e deve contribuir para que isso seja divulgado e todos conheçam seu passado, realizando caminhadas e visitas obrigatórias em residências vizinhas e escolas, com sua ficha em mãos, num limite espacial a ser estabelecido pela autoridade responsável. Sendo assim fica difícil a volta a uma normalidade de cidadão no país da liberdade e democracia e o direito ao emprego e trabalho fica comprometido uma vez que seu perfil pode ser conhecido pelo futuro empregador(patão) mediante acesso a CDs e *sites* do governo que arquivam todas as características físicas, emocionais e sociais da pessoa. Veja que também nos EUA as condições de vida e acesso ao emprego nessa nova forma de trabalho globalizado, informatizado, etc, também está muito difícil. Dependendo de como olhamos para esse aspectos podemos ver o bom ou ruim nessas condições. E os organismos públicos de trabalhadores como partidos- além dos democratas e republicanos –e sindicatos, não conseguem resolver essa situação e auxiliar esses afetados a saírem desse buraco? O problema é que também eles estão se reorganizando e sofrem.

O que essa nova forma no mundo do trabalho capitalista exige do trabalhador além de culpá-lo por seus próprios fracassos? O trabalhador deve sempre manter-se atualizado para que o desemprego e a miséria não o atinja, e os mecanismos sociais colaboram com esse discurso do capitalismo global e procuram divulgá-lo propagandeando como inevitável e único nas exigências do mercado. Dentre esses mecanismos sociais está a educação, principalmente a profissional que estrutura seus currículos escolares no intuito, dentre outros objetivos, de garantir a empregabilidade dentro do capitalismo global. Reforçam assim com a imposição necessária de aquisição de novas competências e credenciais que habilitam o aluno-profissional para competir no mercado, mas aí vem as frustrações pois o sistema é, como sempre foi, excludente por não conseguir alojar(empregar) todos e a promessa de emancipação humana do conceito de trabalho árduo, desgastante e vil(o tripalium dos gregos antigos) desaparecer. Por quê? O mercado é excludente. E mesmo que as instituições de ensino se digladiem por fatias na mercantilização ou recorram a pedagogias-tendências ou concepções - para acomodarem-se e prepararem os indivíduos numa visão de cidadania o mercado falará sempre mais alto. Também por isso disseminam-se as “doenças da alma” (GIOVANNI ALVES-2004, p. 11) e o medo propaga-se entre os que estão empregados, e o que dirá aqueles que estão sem emprego. É preciso pensar também a partir disso uma vez que a população brasileira fechou 2004 com 180 milhões de habitantes sendo 100 milhões leitores, mas ainda, com um número de analfabetos e semi-analfabetos em torno de 80 milhões de cidadãos.

Provavelmente falamos até aqui do óbvio na realidade que presenciamos e enfrentamos, mas a questão pertinente que levantamos é: há saída ou saídas para essa situação-condição que se apresenta? É possível criar um novo mundo, não para hoje, mas para os descendentes que possam tornar a vida suportável, onde os vícios do capitalismo - não importa em que nível ou versão deste – desapareçam e as relações humanas não sejam enfocadas exclusivamente nas exigências do mercado? Que os

medos humanos provenientes de suas dores da alma dêem lugar a felicidade e alegria do trabalho, mais ou menos como a poiesis e que a liberdade se ampare numa nova ética de convivência e valores?

CONCLUSÃO:

Existem propostas sim. Não se pode deixar de olhar o passado- por isso temos de fugir da concepção de humanidade e história difundida hoje por adeptos da pós-modernidade ou do fim da história – e garantir as lições e conquistas conseguidas por nossos antepassados, senão caímos no jogo de propagandear para o sistema atual o que ele faria por si mesmo. Que sistema queremos? Que ser humano queremos? Um sistema que leve para além do capital que reformule o sentido e necessidade do trabalho que a reestruturação, o toyotismo e a globalização não conseguiram, ainda, resolver. István Mészáros em seu livro *Para além do Capital* tratou dessa proposta apontando dentre vários temas e urgências o da humanidade encontrar essa alternativa e seu caminho através de um trabalho embasado numa ideologia emancipatória estruturada numa constante redefinição da maneira de ser do indivíduo e que nesse sentido a classe trabalhadora precisa (re)encontrar o rumo que leve a sua superação(de forma consciente) e a sociedade civil articule e salvaguarde os interesses objetivos de seus vários grupos de modo cooperativo. (ISTVÁN MÉSZÁROS –2003, p.612) Temos que pensar um sistema que não haja mais a necessidade de temer a fome. Um sistema que acabe ou diminua a pobreza endêmica, que emancipe a humanidade diante da escassez. Um sistema que emancipe as mulheres já para o século XXI e não fique no engodo intransparente da igualdade profissional e sexual. Um sistema que não nos deixe viver, no imaginário, como os ricos que fazem comparação com seus vizinhos e conduz mais ainda ao estresse da inveja (E. HOBBSAWM- 2002, p. 127) onde se possa construir novos valores, regras, expectativas e modelos de vida. É o velho sonho da utopia que vem pensar e enxergar a frente o que a humanidade persegue há muito: a felicidade da coletividade. Acreditamos que para se chegar a esta felicidade basta refletir sobre o que dizia o poeta Tom Jobim: “É impossível ser feliz sozinho”.

Referência Bibliográfica:

ALVES, Giovanni. *Educação Profissional ou Formação Humana?-Mundialização do capital e a educação dos trabalhadores no século XXI*. <http://globalization.cjb.net-2004>.
_____. *Trabalho e Globalização-6*.www.revistadoautor.com.br. Agosto de 2004-nº38.

ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. SP: Editora Brasiliense,1987.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *Território das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil*, Brasília: Editora & Consultoria, 2000. Esse livro e outros abordam também, não só a localização dos atuais remanescentes mas procuram mostrar que estes prosseguem a luta aprendida com os antepassados de forma diferente mas os objetivos parecidos. Um exemplo é a Comunidade Quilombola de Ivaporunduva no município de Eldorado no Vale do Ribeira.

ARRUDA, José Jobson. *Saga- a grande história do Brasil, fascículos nºs 68, 70 e 73*, SP: Editora Abril Cultural, 1981.

ENGELS, Friederich. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. Escrito em: 1876; 1ª Edição: Neue Zeit, 1896; Tradução de: (?); Origem da presente transcrição: edição soviética de 1952, de acordo com o manuscrito, em alemão.

Traduzido do espanhol. Transcrição de: amavelmente cedia por "O Vermelho" para Marxists Internet Archive, 2004

HARNECKER, Marta. *Tornar o possível o impossível- a esquerda no limiar do século XXI*. SP: Editora Paz e Terra, 2000.

HENDERSON, W.O. *A Revolução Industrial(1780-1914)*. Lisboa: Editorial Verbo,1969.

HOBBSAWM, Eric. *A crise geral da economia europeia no século XVII*. In: Santiago, Theo Araújo. *Capitalismo-transição*. RJ: Editora Eldorado Tijuca LTDA, 1975, pp.81-118.

_____. *A crise geral da economia europeia no século XVII*. In: Santiago, Theo Araújo. *Capitalismo-transição*. RJ: Editora Eldorado Tijuca LTDA, 1975, pp.81-118.

HOBBSAWM, Eric J. *Pessoas extraordinárias*. Capítulo 3: Sapateiros Politizados(em co-autoria com Joan W. Scott), pp.35-74, SP: Editora Paz e Terra, 2000.

_____. *Mundos do Trabalho*. Coleção Oficinas da História, SP: Editora Paz e Terra, 2000.

_____. *O novo século-entrevista a Antonio Polito*. SP: Editora Companhia das Letras, 2000.

HUBERMANN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Editora Guanabara, RJ, 1986

MENDES, Luis Antonio de Oliveira. *Memória a respeito dos escravos e tráfico de escravos entre Costa d'África e o Brasil(1793)*. In: Inácio, Inês da C. & Tânia R. de Luca. *Documentos do Brasil Colonial*. SP: Editora Ática, 1993, pp. 70-73.

MÉSZAROS, István. *Para além do capital*. SP: Editora Boitempo, 2004

NEUFVILLE, Jean-Yves de. in *Jornal Lê Monde*- 30/12/2004.

NOSELLA, Paolo. *A linha vermelha do planeta infância: o socialismo e a educação da criança*.

_____. *A linha vermelha do planeta infância: o socialismo e a educação da criança*.

PONCE, Branca Jurema. Essa Dra. trabalha melhor e de forma clara esses conceitos no Guia de Estudos e Manual de Trabalho(Marco Curricular) para o Ensino Médio da Fundação Bradesco ,SP de 2000, nas pp.88-90

RAMONET, Ignácio. *diplo.com.br-Edição Brasileira -ano 04, nº 41*

Tendências de empregos globais para as mulheres e para os jovens ilo.org/-11/08/2004

SOFRI, Gianni. *Modo de Produção Asiático*. S P: Editora Paz e Terra, 1989.

VEYNE, Paul. *'Trabalho e ócio'*. In: ARIES, P. & DUBY, G. *Histórias da vida privada*, v. I, Do Império Romano ao ano mil. SP: Companhia das Letras, 1990. p. 124-5.

Outras fontes utilizadas:

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS. *O que é a História da Sociedade Humana*. SP: Global Editora. 3ª Edição, 1985.

FINLEY, Moses I. *Escravidão Antiga e Ideologia Moderna*, RJ: Editora Graal, 1991. *Libération*, 21 de maio de 2003

LOSURDO, Domenico. *Fuga da História?* RJ: Editora Revan, 2004

MENDES, José Ernani. *Ideologia neoliberal, Gestão Escolar e Trabalho Docente*, Gt: Trabalho e Educação/nº09, Agência Financiadora: CAPES. Anped.org.br

NOSELLA, Paolo. *Ética e Educação na sociedade pós-industrial*, GT: Trabalho e Educação/nº09, Anped.org.Br

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização*, SP: Editora Paz e Terra, 1988.

Tavares, Fernando Horta. *Ética e cidadania*. Docente dos cursos de graduação e pós-graduação da PUCMG

SILVA, Benedicto(coordenação geral). *Dicionário de Ciências Sociais*. RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

TAGLIAVINI, João Virgílio. *O Ser humano é “ para a vida ” e “ para a morte ”*. *Jornal Mundo Jovem*.nº 352- Ano XLII .p. 10.Novembro-2004.